



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DYEGO ALVES DE ANDRADE

**PROFILAXIAS PRÉ-EXPOSIÇÃO E PÓS-EXPOSIÇÃO PARA HIV/AIDS:
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE INTERNAUTAS DO PORTAL UOL NOTÍCIAS**

CAMPINA GRANDE

2018

DYEGO ALVES DE ANDRADE

PROFILAXIAS PRÉ-EXPOSIÇÃO E PÓS-EXPOSIÇÃO PARA HIV/AIDS:
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE INTERNAUTAS DO PORTAL UOL NOTÍCIAS

Trabalho de conclusão de curso
realizado como requisito para a
obtenção do título de Bacharel em
Psicologia da Universidade Federal de
Campina Grande – UFCG.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Flávio Lúcio Almeida Lima.

CAMPINA GRANDE

2018

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial Tereza Brasileiro
Silva, CCBS/UFCG**

A553p

Andrade, Dyego Alves de.

Profilaxias pré-exposição e pós-exposição para hiv/aids: representações sociais de internautas do portal uol notícias / Dyego Alves de Andrade. – Campina Grande: o autor, 2018.

30 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

Referências.

Orientadora: Prof.^a Flávio Lúcio Almeida Lima, Dra.

1.Síndrome da Imunodeficiência Adquirida - HIV/AIDS. 2.Profilaxia pré exposição - PrEP. 3.Profilaxia pós exposição - PEP. 4.Psicologia Social. 5.Representação Social.. I Autor. II. Lima, Flávio Lúcio Almeida (Orientador). III. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

DU 159.9+616.98:578.828 HIV (813.3)

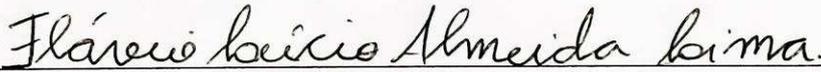
**Responsabilidade técnica - catalogação:
Jônatas Souza de Abreu, M Sc. CRB-4/1823**

TERMO DE APROVAÇÃO
DYEGO ALVES DE ANDRADE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

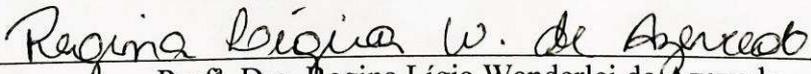
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito básico para obtenção do grau de Psicólogo no Curso de Psicologia outorgado pela Universidade Federal de Campina Grande – PB.

APROVADO EM: 05/12/2018

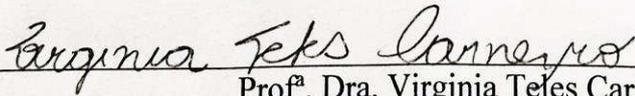
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Flávio Lúcio Almeida Lima
Orientador – Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG



Prof.^a. Dra. Regina Lígia Wanderlei de Azevedo
Prof. da Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG



Prof.^a. Dra. Virginia Teles Carneiro
Prof. da Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG

Aos meus pais que, com muito carinho e apoio, investiram em mim, sempre estendendo suas mãos quando mais precisei. Esta vitória é graças a vocês.

AGRADECIMENTOS

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

À minha mãe, Maria Luiza, que sempre foi um pilar vivo não apenas na minha formação profissional como em todas as esferas da minha vida.

Aos meus colegas de turma, que foram muitos ao longo desta jornada, mas que sempre me acolheram com carinho.

Ao meu professor orientador Flávio Lima que me norteou neste passo decisivo da minha formação, minha gratidão pela confiança e parceria neste trabalho.

Aos meus queridos professores de graduação da UFCG: Tiago Iwasawa, Eduardo Gusmão, Felipe Paiva, Maristela Moraes, Suenny Oliveira, Monilly Ramos, Anderson Scardua, Valquíria Nogueira, Ângelo Xavier, Aline Nunes, Juliane Dominoni, Elvia Nascimento, Suelle Conde, Betânia Amorim, Carlos Antônio Guimarães, Roseane Serafim, Pedro de Oliveira e Edmundo Gaudêncio. Muito grato por tudo que me ensinaram.

As professoras Regina Azevedo e Virgínia Teles por fazerem parte da minha formação e aceitarem estar presentes em um momento impar da minha vida e minha carreira. Significa muito.

Aos meus amigos que me apoiaram, me ergueram e me acompanharam nesta jornada.

A minha irmã Iris Tércia por ter facilitado meus trajetos.

A minha irmã Anúbia pelo torcida e incentivo.

A minha sobrinha Byanka pela parceria na vida pessoal e acadêmica. Que possamos seguir esta carreira tão especial.

A força maior do universo que nos encoraja e norteia nossos passos.

RESUMO: As profilaxias pré-exposição e pós-exposição (PrEP/PEP) para HIV/AIDS chegaram ao Brasil, em meados de 2010, com o objetivo de somar-se a outras técnicas de prevenção ao contágio pelo vírus HIV que vinham se mostrando ineficazes em reduzir a ocorrência de novos casos de transmissão. No entanto, sua inserção nos programas nacionais de saúde gerou as mais variadas reações no tocante aos grupos que se beneficiam desta estratégia, bem como dos custos que a mesma gera ao governo. Trata-se de um estudo cujo material foi analisado de modo quantitativo através do Software Iramuteq e de modo qualitativo sob a perspectiva da Análise de Conteúdo Temática (Bardin, 1977) com o objetivo de analisar as representações sociais de internautas do Portal UOL a cerca da PrEP/PEP, através dos comentários postados em matérias sobre o tema entre outubro de 2017 e outubro de 2018. Os resultados são contundentes e revelam a necessidade de novas estratégias por parte dos equipamentos de saúde no que conserve o enfrentamento de estigmas e preconceitos.

Palavras-chave: Síndrome da imunodeficiência adquirida - AIDS; HIV; Profilaxia Pré-exposição – PrEP; Profilaxia Pós-exposição -PEP; Representação Social; Psicologia Social.

ABSTRACT: Pre-exposure and post-exposure prophylaxis (PrEP / PEP) for HIV / AIDS arrived in Brazil in mid-2010 in order to add to other HIV virus prevention techniques that were proving to be ineffective in reduce the occurrence of new cases of transmission. However, their inclusion in national health programs has generated the most varied reactions regarding the groups that benefit from this strategy, as well as the costs it generates to the government. This is a study whose material was analyzed quantitatively through the Iramuteq Software and qualitatively from the perspective of the Thematic Content Analysis (Bardin, 1977) with the objective of analyzing the social representations of UOL Portals about PrEP / PEP, through the comments posted on the subject between October 2017 and October 2018. The results are overwhelming and reveal the need for new strategies on the part of the health equipment in which it conserves the confrontation of stigmas and prejudiced concepts.

Keywords: Acquired immunodeficiency syndrome - AIDS; HIV; Pre-exposure prophylaxis - PrEP; Post-exposure prophylaxis -PEP; Social Representation; Social Psychology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 MÉTODO	14
2.1 Estratégia de busca.....	15
2.2 Elegibilidade dos dados para estudo	16
2.3 Corpo de dados para a análise.....	16
2.4 Método de análise do material estudado	16
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES	17
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

Em 1980, é registrado no estado de São Paulo o primeiro caso classificado como Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) no Brasil, dois anos após surgirem os primeiros registros a nível mundial no continente africano. Desde então, quase quatro décadas se passaram e muitos avanços científicos foram conquistados no que tange o tratamento da síndrome e de seu agente causador, o vírus da imunodeficiência adquirida (HIV), isto culminou por converter uma patologia que antes era tida como sentença de morte ao status de doença crônica com tratamento relativamente simples.

Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2014) comprovam que a criação dos medicamentos antirretrovirais no início da década de 1990 e sua distribuição gratuita através do ministério da saúde garantiram aos pacientes com HIV uma qualidade de vida e sobrevivência considerável. No entanto, os avanços no combate ao patógeno e a criação de novas políticas governamentais que visam educar a população a respeito de técnicas de prevenção para o contágio por HIV não contiveram a propagação do vírus pelo mundo. No Brasil, trinta anos após o início da epidemia, na primeira década dos anos 2000 ainda eram registrados mais de 12 mil óbitos por AIDS (Graneiro, 2013).

Tal realidade demonstra que apesar de tantos insumos desenvolvidos, mortes associadas a infecção por HIV/AIDS permanece enquanto problemática relevante no contexto da saúde pública. Não obstante ao quesito mortalidade por HIV/AIDS no Brasil, o *estigma*¹ e o preconceito em torno de pessoas que convivem com HIV é algo que não avançou na mesma proporção que sua vertente científico-biológica. À exemplo de outras epidemias que no decorrer da história foram estigmatizantes em grupos específicos como a *peste negra*² na Idade Média, o surto de AIDS ao final dos anos 80 ficou fortemente vinculado a figura do homossexual no imaginário coletivo. Isto, por sua vez, despertou a militância dos grupos LGBTQ+ ao redor do mundo, no intuito de tentar romper com o ciclo de preconceito.

Em 35% dos países com dados disponíveis, mais de 50% das pessoas relatam ter atitudes discriminatórias em relação à pessoas que convivem com HIV/AIDS (UNAIDS, 2015).

¹ Estigma é definido enquanto marca ou sinal que designa o seu portador como desqualificado ou menos valorizado, ou segundo a definição de Erving Goffman: “a situação do indivíduo que está inabilitado para aceitação social plena” (GOFFMAN, 2004, P.4).

² A peste negra (peste bubônica), doença causada pela bactéria *Yersinia pestis* responsável por dizimar um terço da população europeia no século XIV (SOUZA, 2018).

Um estudo realizado em 2015 com 27.000 pessoas transgênero pelo National Center for Transgender Equality (NCTE) constatou que os índices de diagnósticos para HIV foi cinco vezes maior entre aqueles que exerceram trabalho sexual em algum momento da vida. O preconceito anti-LGBT+ independentemente de serem positivos para HIV ou não, descrepantemente, possibilita a propagação do vírus, desencorajando muitas pessoas na comunidade a serem testadas ou tratadas simplesmente por terem receio ou vergonha. Uma pesquisa da Kaiser Family Foundation realizada em 2014, com homens gays e bissexuais nos EUA, apontou que 15% deles relataram ter recebido tratamento ruim de um profissional de saúde simplesmente por ser homossexual, e pelo menos 30% alegaram não se sentir à vontade para discutir seus comportamentos sexuais com um destes profissionais. O estudo aponta ainda que, entre os jovens gays e bissexuais que estão apenas começando a explorar sua sexualidade, a homofobia e outras formas de preconceito ajudam a explicar por que tantos deles não buscam informações sobre seu status para HIV.

Ayres e outros (2009) explicam que a necessidade de formular estratégias preventivas e de cuidados focados em grupos específicos surge logo nos primeiros anos da epidemia como uma tentativa de entender por associações probabilísticas do que se tratava a doença, isto é, com o uso do instrumental epidemiológico buscou-se a identificação de fatores de risco associados com a nova doença. O procedimento, então, se restringiu à tentativa de identificar um perfil epidemiológico das pessoas que estavam adoecendo, o que levou já em 1982 à descrição pelo Centro de Controle de Doenças (CDC) dos Estados Unidos de quatro grupos principais: homossexuais, hemofílicos, haitianos e usuários de heroína.

A ideia de trabalhar ações de saúde pública com o conceito de “grupos de risco” para HIV/AIDS, historicamente, pautou as estratégias de prevenção e tratamento da doença e, durante muito tempo, esteve focada em profissionais do sexo, homens que fazem sexo com outros homens e usuários de drogas. O foco nos “grupos de risco”, ao passo que se configurou enquanto estratégia de enfrentamento da doença trouxe por consequência o “isolamento sanitário” de tais grupos (Ayres et al., 2009). A mídia e a opinião pública de modo geral se encarregaram de estender essa quarentena de tempo indeterminado a outras esferas da vida social – afastamento do trabalho, da escola, da família, dos serviços de saúde, etc. Este aspecto ganhou uma nova proporção com o advento das mídias digitais e a ampliação dos espaços de fala na internet através das redes sociais, chats e discussões em portais de notícias virtuais.

No entanto, o perfil epidemiológico da infecção transitou entre outros grupos ao longo do tempo. Lima (2009) ressalta que esta mudança ocorreu em boa parte pelos conceitos

relacionados ao gênero e a sexualidade. Os índices de infecções aumentaram em públicos que não se enquadrava nos perfis de vulnerabilidade. Mas estas variações receberam pouca atenção no tocante a políticas governamentais e mesmo em nível de debate público. O estigma e a discriminação também tornam as populações vulneráveis ao vírus.

No Brasil, atualmente, o ministério da saúde sugere mais uma etapa no desenvolvimento da epidemia, apontando taxas de prevalência proporcionalmente baixas na população em geral, quando comparadas a uma alta incidência em grupos menores em situação de maiores riscos, exigindo, assim, uma readequação nas estratégias de prevenção, assistência e tratamento (BATISTA, 2017).

Durante a 20ª conferência Internacional de AIDS (2014), realizada na Austrália, foram discutidas ações de intervenção mais eficazes para a prevenção das transmissões do HIV e reduzir a morbidade (BRASIL, 2014). Nesse cenário, o Brasil assumiu o compromisso de ampliar a oferta de testes de identificação do status sorológico até 2020, de modo que 90% das pessoas com diagnóstico positivo para HIV tivessem conhecimento sobre sua sorologia. Além disso, desses usuários, 90% estariam fazendo tratamento antirretroviral, e por último, 90% chegaria ao nível de “carga viral indetectável”, quando o vírus não pode mais ser identificado na corrente sanguínea. Essa meta ficou conhecida como 90/90/90, estas metas foram reafirmadas durante a Assembleia Geral das Nações Unidas em 2016, onde as nações participantes do tratado estipularam o objetivo de eliminar a epidemia de AIDS até 2030 (UNAIDS, 2015).

Tendo em vista os avanços científicos na esfera preventiva e norteados pelo desafio proposto aos países das Nações Unidas, as estratégias foram sustentadas no campo do tratamento pela ampliação da gama de medicamentos antirretrovirais (AVRs). Nesse sentido, surgem novos instrumentos de prevenção, focados basicamente no uso de AVRS como forma de evitar novas contaminações.

Um estudo realizado pelo Ministério da Saúde (2013) apontou que 45% dos brasileiros entre 15 e 65 anos não adotam o preservativo em todas as suas relações sexuais casuais no período de um ano. Para superar os limites de uma forma única de prevenção, surge uma nova geração de estratégias que, combinadas, tentam favorecer o controle de novos casos.

É neste contexto que vem à tona as técnicas de Profilaxia Pré-exposição (PrEP) e Profilaxia Pós Exposição (PEP). Desde que foram disponibilizados ao público no Brasil, no final de 2017, a conjuntura que norteia o tratamento tomou conta dos foruns de discussão, sobretudo na internet, gerando conflitos entre camadas da sociedade que se posicionaram

contra a iniciativa e daqueles que acreditam que a profilaxia exerce um papel decisivo para o combate ao HIV nesta quarta década de epidemia.

PrEP é uma sigla que vem do inglês e significa proflaxia pré-exposição. Refere-se à utilização do antirretroviral por pessoas que não estão infectadas pelo HIV, mas se encontram em situação de elevado risco de infecção. Com o medicamento já circulante no sangue no momento do contato com o vírus, o HIV não consegue se estabelecer no organismo. Trata-se da combinação de dois compostos antirretrovirais, a Tenofovir Disoproxil Fumarato (TDF) e Emtricitabina (FTC), composto este que ficou conhecido como *Truvada*. Estes componentes se mostraram eficazes e seguros para proteger contra a infecção do HIV por via sexual. Pesquisas comprovaram que, se a pessoa tomar o medicamento todos os dias, a proteção contra o HIV chega próxima de 100% (BRASIL, 2018).

A utilização de fármacos agindo no processo de prevenção não é novidade. À exemplo da utilização da cloroquina na prevenção da malária, ou do uso de pílulas anticoncepcionais oral para prevenir a gravidez. A PrEP já vinha sendo utilizada enquanto prevenção de contágio vertical (transmissão do HIV da mãe para o feto) em bebês através do uso da TARV durante a gestação, parto e pós parto (Kelesidis & Landovitz, 2011). Também não foi detectado risco significativo de resistência à medicação caso ocorra uma infecção pelo HIV. Os efeitos colaterais são leves e transitórios (BRASIL, 2018).

Por sua vez, Zucchi e Graneiro (2018) mencionam que os benefícios individuais e populacionais da PrEP crescem conforme o risco de infecção dos usuários da profilaxia. Assim, indivíduos com risco baixo de infecção obteriam, em tese, maior benefício com outros métodos preventivos (preservativos, PEP, teste anti-HIV) e poderiam estar expostos a riscos desnecessários devido a efeitos adversos e/ou a menor motivação para adesão. No Brasil, em 2018, diretrizes do Ministério da Saúde priorizaram quatro segmentos: gays e outros homens que fazem sexo com homens; pessoas transexuais; trabalhadores/as do sexo; e parcerias sorodiferentes, desde que tenham tido, nos últimos seis meses, relações anais ou vaginais sem preservativo, episódios de IST recorrentes ou uso repetido de PEP. Pessoas de segmentos com maior vulnerabilidade social e dificuldades de acesso aos serviços, notadamente pessoas negras, adolescentes, usuárias de drogas e privadas de liberdade figuram como prioritárias nos documentos de prevenção combinada, mas não há ações específicas relativas à oferta de PrEP para elas.

Complementar a isto, a profilaxia pós-exposição (PEP) foi implantada no Sistema Único de Saúde (SUS) em 2010, mas grande parte dos brasileiros, e mesmo os profissionais de saúde, o desconhece. O tratamento com PEP aplica-se no conceito de *janela imunológica*,

ou seja, o tempo entre a inserção do vírus no corpo, após contato de exposição, e sua chegada aos linfonodos regionais, período que pode durar até 72 horas. Segundo o protocolo do Ministério da Saúde (2018), este é o prazo para o uso efetivo de antirretrovirais como estratégia de redução do inóculo viral, sendo as duas primeiras horas o melhor momento para a realização desta estratégia. A medicação age impedindo que o vírus se estabeleça no organismo e por essa razão o período pós-exposição é um fator determinante em sua eficácia.

O ministério da saúde indica que a estratégia deve ser direcionada principalmente a pessoas que podem ter tido contato com o vírus em caso de violência sexual, relação sexual de risco desprotegida (sem o uso de camisinha ou com rompimento da mesma) e ainda em casos de acidente ocupacional com instrumentos perfuro-cortantes (casos de procedimentos médicos e cirurgias) ou ainda através de contato direto com material biológico. Tais situações incluem um risco de transmissão que é difícil de quantificar. Outros determinantes do risco de transmissão do HIV incluem carga viral, integridade da mucosa, presença de trauma (ferimento), entre outros (Kuchenbecker, 2015). O tratamento deve ser seguido por 28 dias. Geralmente consiste em uma pílula diária, mas em alguns casos pode ser necessário tomar mais de um medicamento por dia (BRASIL, 2018).

Apesar da conscientização sobre o uso da PEP como estratégia de prevenção infecção por HIV, Kuchenbecker (2015) ressalta vários estudos que apontam para a baixa taxa de uso. Alguns fatores determinam a complexidade da oferta da PEP: nenhum conhecimento prévio dos benefícios e acesso mais fácil nos serviços; falta de percepção de risco adequada, dificultando a decisão de buscar o PEP em tempo hábil; adesão inadequada devido a eventos adversos e comportamento de compensação de risco. Esses fatores, somados às barreiras existentes ao acesso oportuno nos serviços de saúde e à necessidade de aconselhamento, testes de HIV e estratégias para reduzir o risco de exposição ao vírus, ajudam a reduzir os benefícios da profilaxia.

Dito isto, e tendo em vista que o presente trabalho busca reconhecer as percepções dos internautas leitores do portal UOL Notícias no tocante ao uso do PrEP/PEP no Sistema Único de Saúde (SUS), este estudo apoiou-se na Teoria das Representações Sociais, conceito amplamente difundido por Serge Moscovici (1925-2014) e que guiará toda análise dos comentários expostos nas reportagens foco da pesquisa.

Moscovici (2012) trouxe a luz o conflito entre o pensamento científico e o pensamento cotidiano das pessoas comuns. Ele ressalta que toda realidade é representada e readaptada pelos sujeitos e seus grupos, fazendo parte de um sistema de ideias, valores, sentidos, que irão se relacionar com o contexto histórico-cultural dos mesmos. Neste sentido,

o autor redefine os problemas e conceitos da Psicologia Social a partir do fenômeno das representações sociais, insistindo sobre sua dimensão simbólica e seu poder de construir a “realidade”. As representações sociais são uma modalidade particular de conhecimento cuja função é a elaboração dos comportamentos e a comunicação entre os indivíduos. Esta pode também ser considerada um sistema organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas responsáveis por revelar a realidade física e social (Moscovici, 1988).

Seguindo essa perspectiva, Jodelet (1989) define o conceito de representação social como uma forma de conhecimento específico, o conhecimento do senso comum, nos quais os conteúdos manifestam o funcionamento de processos funcionais e generativos socialmente criados. Em um sentido mais amplo, designa um modo de pensar social. As representações sociais formulam modalidades de pensamento prático orientadas para a comunicação, compreensão e domínio do ambiente social, material e ideológico.

Assim, fica claro que as representações sociais são um fenômeno complexo, e que devem ser considerados como produto e processo de construção psicológica e social do real, "as representações sociais são abordadas tanto como produto quanto como processo de uma atividade de apropriação da realidade externa ao pensamento e da elaboração *psicológica* e *social* desta realidade. Isto é, estamos interessados em um modo de pensamento, sob seu aspecto constituinte - os processos - e constituído - os produtos ou conteúdos "(Jodelet, 1989, p.37). É *psicológica* na medida em que o sujeito tem uma participação ativa no processo de elaboração, interpretação e reinterpretação da realidade de acordo com sua visão pessoal, e *social* na medida em que essa visão de mundo é construída a partir do conhecimento socialmente compartilhado e da interação com os outros e da interpretação que estes outros dão a realidade.

Nesta perspectiva, Jodelet (1989) destaca a existência de três elementos fundamentais nas representações sociais:

- 1) Conteúdo: uma representação tem sempre um conteúdo, que está constituído por um conjunto de informações, noções e conhecimentos referentes a um objeto social. O conteúdo de uma representação social possui uma dimensão figurativa (associada a imagens), uma dimensão simbólica (onde adquire significados e onde a linguagem tem um papel fundamental pelas próprias características do processo de socialização do conhecimento) e uma dimensão afetiva, que estará associada à representação positiva e negativa do objeto social;
- 2) Objeto: o conteúdo tem a ver com um objeto social, que se constitui enquanto elemento central das representações. As representações sociais sempre serão

dirigidas a algo, são um conjunto de significados e teorias de sentido comum em relação a uma situação, um fato, um grupo, um lugar, um conceito, etc;

- 3) Sujeito: as representações sociais sempre partem de um sujeito (que pode ser um indivíduo, grupo, classe ou família) para outro sujeito. É ele quem percebe o objeto social e elabora conhecimento sobre os mesmos. Nesse sentido, as representações sempre serão compartilhadas por um grupo social de referência.

Complementar aos conceitos trazidos por Jodelet, Abric (1998) acerca dos objetivos práticos das representações sociais, aponta que as mesmas respondem a quatro funções essenciais: a função de saber, o saber prático do senso comum que permite compreender e explicar a realidade; a função identitária, que permite entender como as representações são moldadas dentro de contextos grupais, indicando características das identidades grupais; função de orientação, que guia ações e práticas; e a função justificadora, que justifica a tomada de posições e comportamentos (Barros & Oliveira, 2017).

Diante disso, podemos compreender que a comunicação possui um papel fundamental na interação entre os indivíduos e as representações sociais. Tratando-se de um objeto de estudo da psicologia social, a comunicação contribuiu para compreensão de fenômenos cognitivos, configurando-se também como importante nas trocas e nas interações que criam ambientes de concessões, por fim, a comunicação se refere a fenômenos de influência e pertencimento social, que são decisivos para elaboração de sistemas intelectuais e suas dimensões (JODELET, 1989).

Neste sentido, focado na compreensão do contexto em que as profilaxias pré-e-pós-exposição para HIV (PrEP/PEP) acontecem e nas reações que sua inclusão no SUS tem provocado na opinião pública, o presente estudo teve como objetivo analisar as representações sociais de internautas do Portal UOL Notícias a cerca da PrEP/PEP.

2 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa e quantitativa de caráter documental e descritivo. O material de análise é referente aos comentários dos leitores acerca das matérias jornalísticas publicadas pelo portal Uol Notícias no tocante a Profilaxia pré-exposição (PrEP) e pós-exposição ao HIV (PEP), ocorridas entre outubro de 2017 e outubro de 2018. Foi realizada uma busca através da ferramenta de buscas do próprio portal UOL, utilizando-se os descritores “PrEP e PEP”, “HIV e PrEP” e “HIV e PEP”. A busca reportou 76 matérias envolvendo o tema, salientando, entretanto, que matérias repetidas para

descritores diferentes não foram contabilizadas. O corpus (conjunto de comentários) foi submetido a uma análise de Classificação Hierárquica Descendente (CHD), no software Iramuteq que, segundo Camargo (2005), além de permitir uma análise lexical do material textual, oferece contextos (classes lexicais), caracterizados por um vocabulário específico e pelos segmentos de textos que compartilham esse vocabulário. O referido programa permite ainda a utilização de variáveis, para uma maior organização do material coletado. Foi utilizada uma única variável “sexo do comentarista”, divididos em: “masculino”, “feminino” e “desconhecido”. Esse terceiro diz respeito a perfis de comentários cujo internauta utilizava-se de uma conta falsa ou pseudônimos, o que tornava a identificação por “sexo” impossível. A etapa seguinte da análise refere-se à análise qualitativa, onde os dados foram submetidos à Análise de Conteúdo Temática (BARDIN, 1977), técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, permitindo de forma prática e objetiva produzir sentidos do conteúdo da comunicação de textos replicáveis ao seu contexto social. Em consonância com o preconizado por Bardin (1977), foi realizada a exploração do material, verificadas a repetição de conceitos e palavras, sendo possível organizar o material por semelhança de sentido em categorias distintas.

2.1 Estratégia de busca

Entre os meses de setembro e outubro de 2018, empreendeu-se uma busca por notícias referente ao tema PrEP/ PEP em portais de notícia no Brasil. O intuito era coletar comentários dos leitores destes portais a fim de extrair a percepção dos mesmos no tocante a referida temática.

Dados da *Alexa Internet Inc*³ indicam que no último ano os portais de notícias mais acessados no território brasileiro foram o Portal G1, seguido pelo UOL Notícias, em segundo lugar. Pretendia-se a princípio, analisar as falas reportadas nas matérias do site de notícias mais acessado, com isso, buscava-se abarcar a maior diversidade de público possível. No entanto, o website G1 não possui uma ferramenta de busca à notícias adequada, não sendo possível filtrar as publicações por período ou mesmo contabilizar o número de resultados gerados durante a pesquisa. Por essa razão, optou-se por utilizar dados do segundo maior portal de notícias do Brasil em número de acessos, o Uol Notícias.

³ Alexa Internet Inc. é uma companhia de Internet que fornece dados de tráfego e análise de dados. Seu principal serviço é medir quantos usuários de Internet visitam um determinado site/sítio da Internet. É possível saber quantos acessos um site tem e, partindo desses dados, sua colocação em um (ranking) global e regional.

2.2 Elegibilidade dos dados para estudo

Foram incluídos na presente análise de conteúdo, comentários publicados em matérias do portal UOL Notícias que: 1) apresentassem referência direta ao tema PEP/ PrEP; 2) estivessem disponíveis em português; 3) fossem publicados entre outubro de 2017 e outubro de 2018. Neste sentido, notícias que não estavam disponíveis gratuitamente, escritas em outro idioma, que não fizessem referência direta ao tema, ou que não possuíssem comentários foram excluídas da análise.

2.3 Corpo de dados para a análise

Adotados os devidos critérios, acima expostos, a busca por conteúdo de interesse no portal UOL Notícias, filtrou um total de 76 (setenta e seis) matérias, sendo 34 (trinta e quatro) elegíveis para o estudo. Outras 42 (quarenta e duas) notícias foram descartadas da análise. 30 (trinta) por fugir ao tema de estudo proposto e 12 (doze) por não possuírem comentários. As 34 notícias selecionadas somaram o montante de 339 (trezentos e trinta e nove) comentários, material este que serviu de base para a análise.

2.4 Método de análise do material estudado

Levando em consideração a grande quantidade de comentários filtrados, o material de estudo foi submetido a um *software freeware* para análise de dados, o *Iramuteq*. Esse *software* conjuga uma série de procedimentos estatísticos aplicados a bancos de dados textuais, como entrevistas, artigos de jornais e revistas, entre outros. Isto é feito por meio da Análise Lexical por contexto de um conjunto de segmento de texto (*ALCESTE*). Na base do funcionamento do programa encontra-se a idéia de relação entre contexto lingüístico e representação coletiva ou entre unidade de contexto e contexto típico (REINERT, 1990).

Segundo Nascimento e Menandro (2006), a unidade de contexto é entendida como uma espécie de representação elementar, um sentido ou um enunciado mínimo em um discurso. Tal enunciado é postulado como uma idéia de um indivíduo psíquico, sendo que essa idéia se refere a um objeto, mas também, ao mesmo tempo, ao próprio sujeito. É essa dupla referência que permite a formação da representação de um objeto. Para Reinert (1990) a regularidade de representações entre indivíduos pode promover a existência de um determinado contexto típico de um grupo, uma representação coletiva, um “mundo”. A

regularidade de um vocabulário específico indica a existência de certo “campo contextual”, um espaço semântico específico. Reinert (2001) propõe a extensão desse espaço à ideia de “fundo associativo” ou “fundo tópico”, revelado através da co-ocorrência das chamadas “palavras plenas” que devem ser entendidas como algo que excede os significados anotados nos dicionários, uma vez que se inscrevem na história dos falantes, pois são utilizadas como uma atualização do próprio sujeito e de seu campo de referência aos objetos num aqui e agora do discurso.

A base para o *Alceste* é que pontos diferentes de referência produzem diferentes maneiras de falar, isto é, o uso de um vocabulário específico é visto como uma fonte para detectar maneiras de pensar sobre um objeto. O objetivo de uma análise com *Alceste*, portanto, é distinguir classes de palavras que representam diferentes formas de discurso a respeito do tópico de interesse (KRONBERGER; WAGNER, 2002, p. 427).

Nesse sentido, os dados fornecidos pelo *software Iramuteq* trouxeram a possibilidade de analisar dados qualitativamente, como textos e entrevistas transcritas, através de uma estratégia quantitativa, seja para estimar a frequência de palavras, comparar grupos quanto às frequências de palavras ou mesmo análises mais complexas e multivariada com diversas variáveis incorporadas na análise à exemplo do método Classificação Hierárquica Descendente (CHD) (CAMARGO, 2005).

É importante salientar que os *softwares* estatísticos são apenas ferramentas que aceleram o processo de análise por meio de algoritmos matemáticos. Os métodos de análise são as teorias e as fórmulas de cálculos utilizados nestes aplicativos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das respostas da análise CHD referente ao corpus de 339 comentários coletados das 34 notícias selecionadas e submetidas ao *Iramuteq*, foi possível gerar o dendograma (Figura 1) composto por 6 (seis) classes, com aproveitamento de 91,88% do material, segundo relatório gerado pelo próprio *software*. Nas classes, podemos perceber o destaque em algumas variáveis que nos ajudam a entender melhor os resultados gerados. Vale mencionar que a maior parte dos comentários (61,6%) foi atribuída a indivíduos identificados como sendo do sexo masculino, 33,9% referentes a usuários anônimos e apenas 4,7% dos comentários foram oriundos de perfis identificados como sendo do sexo feminino. Isto configura, portanto, um recorte de público predominantemente masculino, podendo ser estes,

considerados os mais interessados na temática. Logo abaixo segue descritas as classes que emergiram a partir da análise dos comentários.

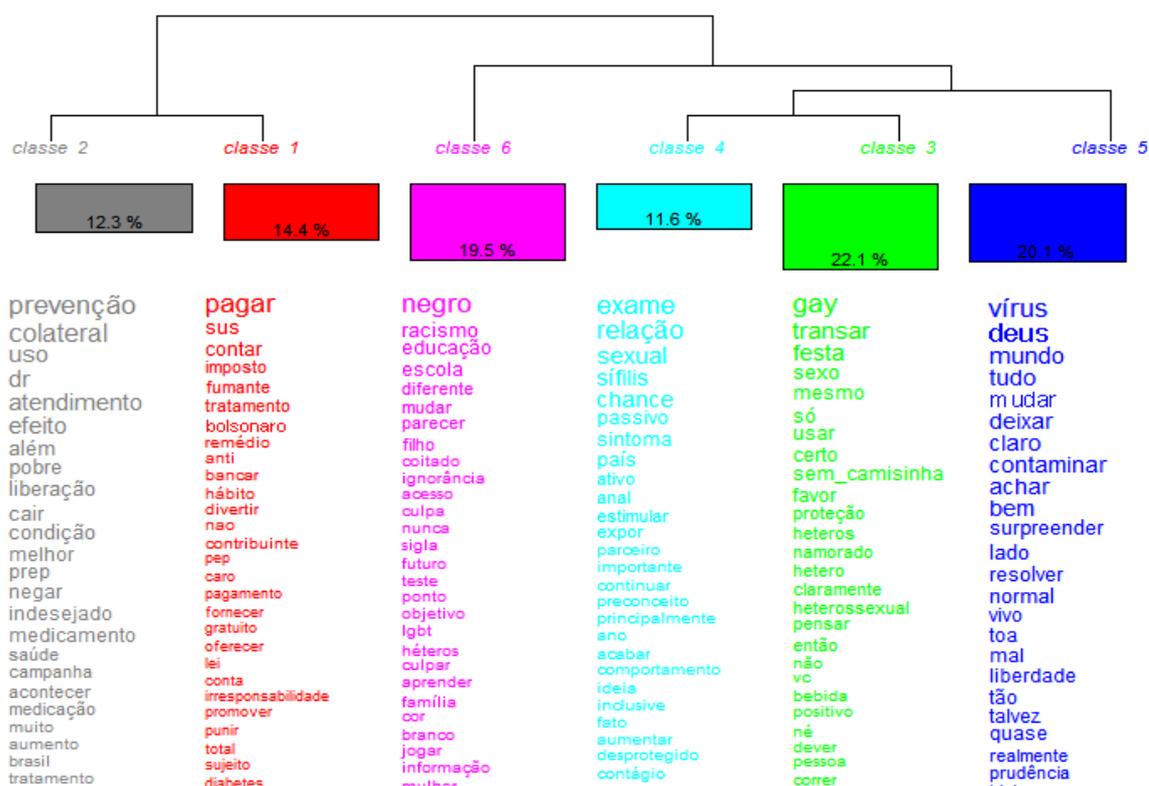


Figura 1: Dendrograma da CHD via Iramuteq

- a) Classe 1 (14.4%): As palavras que mais se destacaram foram “pagar”, “sus”, “imposto”, “tratamento”, “bancar”, “bolsonaro”, entre outras. Não houve ênfase para nenhuma variável referente ao sexo do comentarista. Nesta classe, conseguimos identificar uma relação direta com a forma como se dá o tratamento e prevenção do HIV/AIDS no Brasil. É evidenciada uma preocupação com os gastos que isto gera ao Estado e um sentimento negativo por parte dos comentaristas que em grande parte alegam “custear a irresponsabilidade alheia”. É entendido por muitos deles que as campanhas de prevenção que incluem o uso do PrEP/PEP e do tratamento antiretrovirais que são oferecidas gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS) beneficiariam apenas uma parcela específica da população que por sua vez seria a responsável pela ploriferação do HIV e outras doenças. Os leitores alegam em boa parte dos comentários que não gostariam que o dinheiro pago em impostos fosse revertido neste tipo de iniciativa. *“Claramente se percebe que a maioria é de pessoas imprudentes que transaram sem proteção, ou vocês acreditam nesse tanto de*

camisinha estourando? Só lamento que o tratamento desses caras seja totalmente custeado com o dinheiro dos contribuintes”. Chama atenção também as recorrentes menções a “Bolsonaro”, nome de um dos candidatos a presidência na época. A ideologia em torno do candidato aparenta fomentar boa parte do embasamento crítico dos usuários dos portais, e apesar do presidencialismo não ter nenhum vínculo direto com o Ministério da Saúde ou mesmo com políticas públicas praticadas através do SUS, suas falas polêmicas em veículos midiáticos e na própria internet o colocam como figura de representatividade a ser mencionada. *“O ser humano mergulha na insanidade, e depois querem falar que evangélicos e católicos são conservadores, eles podem até ser, mas com certeza o liberalismo dessas pessoas é pior do que qualquer conservadorismo que já ouvi falar em relação ao sexo. Bolsonaro, talvez não esteja tão errado assim, vocês estão mostrando isso”*.

- b) Classe 2 (12,3%): Esta foi uma das classes menos representativas do corpus de texto. Predominou a ocorrência de palavras como “prevenção”, “colateral”, “atendimento”, “medicamento”, “campanha” e “saúde”. Quanto a variável por sexo, mostrou-se prevalente naqueles cujo sexo não pode ser identificado. Aqui percebemos uma vertente que se preocupa com as questões do HIV/AIDS no âmbito da saúde e com as consequências trazidas por novos casos de infecções sexualmente transmissíveis. Esta classe se relaciona diretamente com a “classe 1”, levando a inferir que esta preocupação está diretamente associada com as questões de investimento do dinheiro público. Há resistência em compreender o PrEP/PEP enquanto ferramenta de prevenção e redução de danos e a insistência de que o soropositivo adquiriu o vírus por desleixo ou vontade própria e que, portanto, não deveriam ser beneficiados por políticas públicas. *“E aí vai ao atendimento de saúde do Estado pegar coquetel antirretroviral custeado com dinheiro publico que poderia ser destinado a curar doenças de gente que não pediu para contrai-las. São irresponsáveis e criminosos, não esperam mais nada na vida, comportam-se como animais. Façam o que quiserem com seu corpo, desde que paguem por isso com seus próprios recursos”*.
- c) Classe 3 (22,1%): Aqui houve destaque para as palavras “gay”, “festa”, “sem camisinha”, “sexo”, “heterossexual”, “proteção”, entre outras. Quanto à variável por sexo do comentarista, não houve nenhum destaque para uma categoria específica. Tratou-se da classe mais representativa de todo corpus do texto. Nela identificamos a

relação prevenção-contágio com seus respectivos grupos de risco e suas formas de contaminação. Predomina a tendência de vincular questões que envolvem o HIV/AIDS e o uso da PrEP/PEP aos “gays”, figura que aparece no topo das menções. A fala dos leitores coloca a relação sexual como principal forma de transmissão do vírus. Isto atrelado a um suposto comportamento de risco dos homossexuais, associados a “libertinagem” e a falta de proteção. O termo “heterossexual” aparece com frequência apenas como contraponto do que a figura do “gay” representa, não somente no que concerne a sexualidade, mas no tocante às chances de contágio. Segundo os comentaristas, os heterossexuais são menos vulneráveis as doenças por se protegerem mais e por serem menos promíscuos que os homossexuais. Destaca-se ainda a repetição de termos como “claramente”, que demonstra uma intenção do comentarista de atribuir certeza àquilo que está sendo dito por ele. *“Agora o mesmo SUS precisa fornecer remédios caros por que um grupo resolveu que quer se divertir sem capa. Só que a conta do SUS vai ficando alta. Distribuir camisinha é uma coisa. Agora remédios caros são outra. O recurso público tem prioridade. Não pode ser usado para financiar o hábito de fulano apenas porque esse fulano quer ter mais prazer com o maior número de parceiros. O gay precisa comprar o PrEP ou PEP. É o remédio que garante sua diversão. Ou por acaso o governo fornece cigarros para fumantes? Pro inferno com papo de homofobia. Estamos falando de isonomia e justiça”*

- d) Classe 4 (11,6%): “exame”, “relação”, “sexual”, “sífilis”, “chance” e “passivo” se destacaram nesta classe. Esta foi a única categoria que apresentou um indicativo de ocorrência predominante da variável por sexo “masculino”. Tratou-se da categoria menos representativa do corpus de texto e, portanto, com menos conteúdo. São levantadas questões que abordam os meios de transmissão do vírus e outras comorbidades que as relações sexuais sem proteção podem acarretar. Percebe-se que esta classe se relaciona diretamente com a classe 3 e, portanto, uma tentativa dos comentaristas de respaldar seus argumentos em dados mais técnicos e esclarecer alguns mitos que surgiram ao longo dos demais comentários. *“O resultado é bom com 100% de sucesso nos resultados, porém há outras DSTs, cujo abandono do preservativo não pode ser descartado. Nos países em que houve a liberação do PEP os índices de contaminação caíram drasticamente, principalmente em grupos vulneráveis como homossexuais masculinos, profissionais do sexo e parceiros soro*

discordantes, porém no mesmo grupo houve um aumento drástico na contaminação com sífilis, gonorreia e HPV. O resultado disto é que os bacilos da sífilis e da gonorreia, por exemplo, estão se tornando resistentes aos antibióticos. Pesquisadores do hemisfério norte (Europa e USA) estimam que a gonorreia e sífilis podem se tornam praticamente incuráveis a médio prazo. Se há um bom resultado por um lado, por outro não são tão animadores assim”.

- e) Classe 5 (20,1%): Temos aqui o uso mais freqüente de termos como “vírus”, “deus”, “mundo”, “tudo”, “mudar” e “resolver”. A classe caracteriza um recorte interessante a cerca do perfil dos leitores/comentaristas do portal de notícias. O fato da palavra “deus” ser mencionado várias vezes indica que o discurso religioso é um ressonante da opinião dos internautas. Há associação entre a disseminação de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) com a qualidade da educação e a conjuntura político-social atual do país e a “desconstrução de valores morais” promovidos pela mídia. Destaca-se um sentimento de nostalgia conservadora expressa nos comentários, associados a uma vontade de mudança no Brasil, colocando as últimas gestões políticas como responsáveis por promover o que muitos comentaristas chamam de “irresponsabilidades”, “imoralidades” ou “libertinagem”. *“A banalização nas novelas, nos programas de tvs, nas músicas de funk... E o povo acha tudo normal. assim como acham normal ser gay, ser trans...Não sou nenhum cristão de todo dia, mas as pessoas deveriam seguir as leis de Deus....é muito fácil não seguir regra nenhuma garanto que a maioria destes infectados e grupo de risco são ateus ou só procuram Deus na hora do desespero”.*
- f) Classe 6 (19,5%): Por fim, aqui tivemos a predominância de termos como “negro”, “racismo”, “educação”, “ignorância”, “acesso” e “culpa”. Emergiram fatores que contribuem para uma visão estigmatizante por parte dos leitores. O estigma no tocante ao HIV/AIDS só transcende a classe LGBT+ quando se trata de atingir outro grupo historicamente oprimido, os negros. Nota-se a intenção de atribuir “culpados” no que concernem os elevados índices de novas infecções pelo vírus HIV. A população negra é mencionada em vias da origem do surto epidêmico do vírus nos início dos anos 80. *“O sujeito (Buclair) tem HIV, sabe disso, e conscientemente transa sem proteção! E daí vem dizer que o problema aumenta por racismo? Ora, aumenta por ignorância, libertinagem, esse faz-tudo desenfreado, irresponsabilidade, safadeza e preguiça*

mesmo. Assim como esses imigrantes africanos, deveriam ser examinados e tratados. Também devem estar transmitindo doenças pela cidade". Em contrapartida, há falas no intuito de tentar desconstruir alguns estigmas, apontando a responsabilidade para a falta de conhecimento e instrução da maioria da população.

Foi possível identificar que a natureza dos comentários não se restringiu ao conteúdo dos assuntos tratados nas notícias. Englobam, portanto, um aspecto muito mais ampliado, que considera todo histórico do HIV/AIDS ao longo destas quatro décadas. Nesse sentido, em alguns momentos, os comentaristas divergem entre as falas, sendo grande parte delas de cunho discriminatório e preconceituoso. Uma parcela menor dos comentaristas se empenhou em prestar esclarecimentos a cerca de direitos e garantias no tocante a prevenção por via de PrEP/PEP e desconstruir paradigmas historicamente concebidos.

A postura preconceituosa e o estigma que correlaciona HIV aos gays ainda se mostra muito presente no pensamento social, embora o perfil epidemiológico da infecção tenha transitado por grupos sociais distintos ao longo do tempo. As atitudes preconceituosas podem ser justificadas a partir do conceito de alteridade que conforme afirma Jodelet (2007), diz respeito a um fenômeno que permite distinguir o "eu" do outro e convoca tanto a noção de identidade, quanto a de pluralidade. Salienta-se que essa diferença entre o "eu" e o "outro", que no início parece ser necessária, pode traduzir-se em uma essência negativa, resultando nesse caso na exclusão social e na discriminação. Assim, pode-se afirmar que o processo de alteridade e exclusão, em relação aos homossexuais no contexto do HIV/AIDS são caracterizados quando grupos ou pessoas distinguem-se dessas pessoas, associando a elas características que os colocam como diferentes de si mesmos (Camargo, Bertoldo, & Barbará, 2009).

É impossível desconsiderar o contexto sócio-político inflamado pelas disputas eleitorais que ocorreram durante todo o período do estudo. O referido momento reforçou a necessidade de dar cabo de problemas seculares que afetam a população e que resultaram na atual crise do sistema socioeconômico brasileiro. Isto, por sua vez, levou a sociedade a buscar soluções, inclusive através do resgate de valores mais conservadores, atribuindo a responsabilidade desta problemática na corrupção dos partidos políticos e grupos sociais (sobretudo às minorias e negros), trazendo à tona comportamentos preconceituosos, xenofóbicos e racistas como é possível observar em grande parte dos comentários dos internautas.

Foucault (1988) corrobora com este pensamento ao afirmar que a sexualidade e o gênero são, dentre os temas, aquelas mais largamente debatidos enquanto objetos de disputa pública, na qual toda uma teia de saberes, discursos e injunções investe sobre eles. Isso porque vemos na atualidade e na história que essas agendas são disputadas também pela política brasileira, como bandeiras da esquerda ou da direita de acordo com os interesses de cada um, de revolução ou manutenção; em outras palavras, há no campo da diversidade sexual e de gênero uma disputa por territórios “devido ao alargamento dos guetos” (Nascimento, 2010:74), na medida em que se tensiona o processo civilizatório para uma abertura de direitos e, conseqüentemente, para a negação destes (Ferreira, 2016).

Neste sentido, percebe-se que as opiniões analisadas apresentam forte direcionamento político e geram manifestações partidárias direitistas e esquerdistas, sendo o primeiro bem mais evidente dado o grande volume de falas que direcionam o discurso à ideais mais tradicionais e conservadores. É consenso, todavia, que a educação seria o recurso chave para solução dos problemas relacionados aos temas abordados, no entanto, as falas divergem no tocante a forma como esse processo de educação deve se configurar.

Corroborando com essa ideia, Barroco (2009) explica que o debate sobre as questões de gênero e sexualidade figura como principal objeto de investimento e injunção do pensamento conservador contemporâneo, de modo que vemos apelos morais ao bem comum através de abstrações contidas. A própria análise de discurso resultante da pesquisa, apontou que o preconceito surgiu através de estigmas sociais, por medo de contaminação do vírus e por medo da morte, este último dado coloca em questão a falta de informação em relação à AIDS por parte da população, principalmente no que diz respeito às formas de contágio e mesmo sobre como funcionam o PrEP/PEP. A sociedade em geral possui poucas informações a esse respeito, considerando por vezes aspectos propagados através do senso comum (Antunes, Camargo, & Bousfield, 2014).

As políticas de saúde pública alicerçadas na ideia de “grupos de risco” ajudam a aumentar o sentimento de revolta daqueles que não se concebem em determinado grupo. No entanto, este sentimento soa incoerente, tendo em vista que não estar atrelado a determinado quadro de vulnerabilidade deveria ser considerado um privilégio, não uma injustiça. Ayres (2002) explica que nos dias de hoje, pode-se considerar que o conceito de risco alcança, praticamente, todas as dimensões da vida e passa a ter uma conotação moral como um exercício de opção entre uma forma de vida e outra, como processo dinâmico do viver humano.

Não obstante, há uma indignação coletiva por parte dos comentaristas analisados no estudo no que diz respeito à destinação de recursos públicos direcionados a proteção de um grupo do qual eles não se sentem parte. Em função da grande carga afetiva mobilizada na opção conservadora, ela exige e pressupõe a repressão da sexualidade. O moralismo e a “defesa da família” são elementos constantes no discurso conservador. Mas aqui também é necessária a alteridade, um “outro” que ameace a ordem e a harmonia do padrão moral, assim, não nos admira o fato de que o discurso conservador associe o nacionalismo, a irracionalidade e o moralismo com a homofobia (Iasi, 2015).

O ambiente “sem limites” promovido pela internet e reforçado pela sensação de sigilo e anonimato configura-se também como ponto a ser destacado quando se trata do referido estudo. A manifestação de pensamentos com cunho de ódio, segregação racial e, a maioria das vezes, ofensivo à honra das demais pessoas, infelizmente vem sendo cada vez mais corriqueira nos ambientes cibernéticos (Gomes, 2005). Há de se questionar se tais falas (algumas até criminosas) viriam à tona em um debate público presencial no qual o emissor pudesse ser devidamente identificado e responsabilizado por suas palavras.

No contexto das representações sociais, dadas que estas são produto da interação em um grupo social, temos apresentados no dendograma (Figura 1), classe 3, a palavra ‘gay’ como a mais utilizadas para definir o indivíduo que procura o PrEP/PEP, o que demonstra a generalização de todo um grupo e a falta de afinidade com o mesmo. Há diversas manifestações dos comentaristas no intuito de preferir que grupos vulneráveis padeçam em vias da contaminação ao que o tratamento ou prevenção sejam financiados com verba pública: *“E daí que quem paga a conta somos nós?! Sem falar nas outras IST. Não seria melhor deixar a seleção natural fazer seu trabalho?”*.

Por último, as palavras que surgiram com uma frequência média (contaminar, proteção, condição, irresponsável, lgbt, pobre, culpa) exemplificam a culpabilização acerca do indivíduo que possui o vírus, mesmo que a procura pelo PrEP seja uma maneira que o mesmo encontrou para prevenir novos casos de contaminação. As demais palavras evidenciam os estereótipos ainda atribuídos aos chamados “grupo de risco” por boa parte da população.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados do estudo nos trouxe reflexões necessárias sobre o manejo do PrEP/PEP no âmbito da saúde pública para além do que pretendiam objetivos deste trabalho. Foi percebida bastante desinformação sobre o assunto. Os comentários analisados revelaram pouco a intenção de se conhecer a fundo a profilaxia ou o próprio contexto atual do HIV (que evoluiu muito desde os primeiros casos) e muito a necessidade de atacar determinados grupos, responsabilizá-los e manifestar o desejo de punição para os mesmos. A contaminação pelo vírus permanece atrelada a um conceito de “sentença de morte”, morte esta que em diversos comentários foi proclamada como uma espécie de “seleção natural”, ou seja, segundo parte considerável dos comentaristas, gays e negros são a origem deste “mal” e por essa razão merecem morrer. É negligenciado por estas pessoas o fato de que grupos e etnias mais afetadas pelo HIV/AIDS também são contribuintes, pagam impostos e devem ter seus direitos assegurados como qualquer outro cidadão nas mesmas condições.

Nesse sentido, podemos refletir sobre a doença em seu contexto mais amplo, que atravessa a dimensão simples de suas características sintomáticas e epidemiológicas e chega ao nível da forma como foram adquiridas. Esse processo sofre também com o filtro das representações sociais, que agregam valores sociais e morais aos conceitos a fim de produzir um conceito novo, próprios de um grupo. Isso explica as razões pelas quais evidenciamos no estudo muitas falas de repúdio a quem procura tratamento ou prevenção para HIV, mas nenhuma menção a outras doenças crônicas como a hipertensão, obesidade e etc, todas igualmente onerosas aos serviços de saúde.

É assustador perceber o nível de agressividade e ódio em uma parte considerável dos comentários. *“O sujeito se arrisca voluntária e conscientemente a contrair uma moléstia mortal sem cura, cujo tratamento é caríssimo, e será bancado pelo contribuinte. Por isso deveriam extinguir o sistema de saúde universal e gratuito e eliminar de vez esta raça”*. Isto nos faz pensar até que ponto falas como estas podem se enquadrar nas garantias constitucionais de liberdade de expressão e quando ações judiciais sérias devem ser aplicadas de forma interventiva na intenção de confrontar estas violências. Os resultados nos mostram que o debate que deveria circular em torno da esfera científica e de garantia de direitos ganhou um viés tenebroso que fere até mesmo o direito a vida, e mais do que isto, nos mostra que apesar de décadas terem se passado desde o surto inicial de HIV/AIDS a percepção social a cerca do vírus e de quem o contrai não mudou praticamente nada.

É necessário compreender em que medida a Psicologia Social e da saúde pode nortear mais estudos a fim de estreitar seu compromisso com os direitos humanos e evitar que discursos de ódio como estes emergjam em detrimento de avanços e recursos que servem para melhorar a vida de todos, sem distinção. Os resultados transcendem uma constatação pragmática e desafia os profissionais de saúde a buscarem subterfúgios para lidar com o estigma e a discriminação que permanece empedrado no ideário social. Nesse contexto, a psicologia para além de seu caráter assistencial, dispõe de instrumentos essenciais para fortalecer o posicionamento político e crítico, principalmente no que diz respeito às novas técnicas de prevenção (PrEP/PEP) e o próprio contexto da AIDS na contemporaneidade. Discutir novos trajetos e propor estratégias governamentais que transcendam os discursos de culpabilização e preconceito e que busquem de fato garantir direitos integrais, inclusive de informação, também se torna a prática de uma psicologia ampliada, que se preocupa com o coletivo e assume papel propositivo na área da saúde.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J-C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. D.; OLIVEIRA, D. C. (Orgs.). Estudos interdisciplinares de representação social. Goiânia: AB, 1998.

ANTUNES, L., CAMARGO, B. V., & BOUSFIEL, A. B. S. Representações sociais e estereótipos sobre aids e pessoas que vivem com HIV/Aids. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 16(3), 43-57. 2014.

AYRES J.R.C.M. Sobre o risco: para compreender a epidemiologia. São Paulo: Hucitec; 2002.

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita; CALAZANS, Gabriela Junqueira; SALETTI FILHO, Haraldo César; FRANCA JUNIOR, Ivan. Risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde. In: Tratado de saúde coletiva[S.l: s.n.], 2009.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROCO, Maria Lúcia Silva. Ética: fundamentos sócio-históricos. São Paulo: Cortez, 2009.

BEDENTE, G. N. Análise qualitativa por meio do software IRAMUTEQ. FeaUSP, 2018.

BARROS, R.C. OLIVEIRA, A. S. Representações sociais sobre o movimento de ocupação das escolas em são paulo: uma análise sobre os comentários de leitores do portal de notícias g1. Universidade Federal de Campina Grande, 2017.

BATISTA, A. T. Prevenir ou remediar? Atitudes dos profissionais de saúde em frente a profilaxia pré-exposição ao HIV/AIDS. UFPB. João Pessoa –PB, 2009.

BRASIL, Ministério da Saúde. Diretrizes e Organização para o funcionamento dos CTA do Brasil. Departamento de DST, AIDS e Hepatite virais. Brasília, 2010.

BRASIL, Ministério da Saúde. Prep e Pep, uma nova geração de estratégias para impedir a infecção pelo vírus HIV. Brasília: Programa Nacional de DST e Aids , 2013.

BRASIL, Ministério da Saúde. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: Atitude de ampliação de acesso. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL, Ministério da Saúde. Relatório 20ª conferência Internacional de AIDS. Assessoria de cooperação internacional. Austrália, 2014. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/sites/default/files/media/pagina/2018/59331/destaques_melbourne_agosto_cris_pdf_15036.pdf>

BRASIL. Ministério da Saúde. Informes do Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais : Programa Nacional de DST e Aids . Brasília, 2017. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/medicina/homens-jovens-ou-homossexuais-ainda-sao-as-grandes-vitimas-do-hiv/>> Acessado em 15/07/2018

BRASIL. Ministério da Saúde. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) De Risco À Infecção Pelo HIV. Brasília –DF, 2018. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/protocolo-clinico-e-diretrizes-terapeuticas-para-profilaxia-pre-exposicao-prep-de-risco>>

CAMARGO, B. V. ALCESTE: Um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In: MOREIRA, A. S. P.; CAMARGO, B. V.; JESUÍNO, J. C.; NÓBREGA, S. M. (Orgs.), Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais. João Pessoa, PB: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2005.

FERREIRA, G.G. Conservadorismo, fortalecimento da extrema-direita e a agenda da diversidade sexual e de gênero no Brasil contemporâneo. Lutas Sociais, São Paulo. Vol. 20, n. 16, p. 166-178. 2016.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. LTC, 1981.

GRANEIRO, A. (2013). Será possível o fim da epidemia de AIDS na quarta década?. In Paiva, V., França Jr I., & Kalichman, A. O. (Orgs). Vulnerabilidade e direitos humanos prevenção e promoção da saúde: Planejar, Fazer, Avaliar. Livro IV. Curitiba: Juruá.

HAMEL, L. FIRTH, J. HOFF, T. KATES, J. LEVINE, S. DAWSON, L. HIV/AIDS in the lives of gay and bisexual men in the united states. KFF, sep 25, 2014.

IASI, Mauro (2015). De onde vem o conservadorismo? Disponível em: <<http://blogdaboitempo.com.br/2015/04/15/de-onde-vem-o-conservadorismo/>>. Acesso em: 01 nov. 2018

JAMES, S. E., HERMAN, J. L., RAKIN, S., KEISLING, M., MOTTEL, L., & ANAF, M. (2016). The Report of the 2015 U.S. Transgender Survey. Washington, DC: National Center for Transgender Equality.

JODELET, D. Representations sociales: un domaine en expansion. Em, D. Jodelet (Org.) Les Representations Sociales. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

KELESIDIS, T. & LANDOVITZ, R.J. (2011) Preexposure Prophylaxis for HIV prevention. *Current HIV/AIDS Reports*, 8(2), 94-103

KRONBERGER, N. E WAGNER, W. (2002). Palavras-chave em contexto: análise estatística de textos. In: M.W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático (Tradução de Pedrinho A. Guareschi). Petrópolis: Vozes, 2002.

KUCHENBECKER, Ricardo. *What is the benefit of the biomedical and behavioral interventions in preventing HIV transmission?* Rev. bras. epidemiol. 18 (Supl 1) Setembro, 2015.

LIMA, F. L. A. *Qualidade de vida em mães de crianças sorointerrogativas ao HIV/AIDS*. UFPB. João Pessoa, 2009.

MOSCOVICI, S. *Notas Para uma Descrição das Representações Sociais*, European Journal of Social Psychology, 18: 211-250. 1988.

MOSCOVICI, S. *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis: Vozes, 2012.

NASCIMENTO, Érico. Crimes homofóbicos no Brasil: panorama e erradicação de assassinatos e violência contra GLBT, 2000-2007. In: Seminário Assassinatos Praticados contra a População LGBT. Câmara dos Deputados, Brasília. 2010.

NASCIMENTO, A.R.A. MENANDRO, P.R.M. Análise lexical e análise de conteúdo: uma proposta de utilização conjugada. Estudos e Pesquisas em Psicologia. UFRJ. Ano 06, Nº 2. 2006.

OMS (2014) Consolidated guidelines on HIV prevention, diagnosis, treatment and care for key populations. Geneva.

REINERT, M. Alceste, une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurelia de Gerard de Nerval. Bulletin de Methodologie Sociologique, v.26, p.24-54, 1990.

REINERT, M. Alceste, une méthode statistique et sémiotique d'analyse de discours; Application aux - Rêveries du promeneur solitaire. La Revue Française de Psychiatrie et de Psychologie Médicale, v. 05(39), p. 32-36, 2001.

SOUSA, Rainer Gonçalves. "Peste Negra"; Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/pandemia-de-pestes-negras-seculo-xiv.htm>>. Acesso em 06 de agosto de 2018

UNAIDS (2015). On the Fast-Track to end AIDS by 2030: Focus on location and population. Disponível em: <http://www.unaids.org/sites/default/files/media_asset/WAD2015_report_en_part01.pdf>

ZUCCHI, E. M.; GRANGEIRO, A; Ferraz, D; Pinheiro, T.F; Alencar, T; Ferguson, L; Estevam, D. L.; Munhoz, R. *Da evidência à ação: desafios do Sistema Único de Saúde para*

ofertar a profilaxia pré-exposição sexual (PrEP) ao HIV às pessoas em maior vulnerabilidade. Cad. Saúde Pública vol.34 - Nº 7 Rio de Janeiro, 2018.